

A questão da acoplagem nas relações internacionais

Coupling approach within the international relations

ARGEMIRO PROCÓPIO FILHO*

Meridiano 47 n. 115, fev. 2010 [p. 29 a 31]

Ainda num juvenato analítico, o estudo sobre a acoplagem postula legitimidade. Órfão, distante das demais interpretações, provocativamente pergunta o que as teorias das relações internacionais produziram de novo na exegese da fenomenologia internacional. Quer saber onde estavam elas quando da queda do muro de Berlim. Pergunta, cadê as explicativas da atual crise do capitalismo e dos paradoxos do unilateralismo coroado de potência mundial militar, cultural, econômica, etc.

Nem o simbolismo das experiências políticas, nem a dimensão pragmática das redes de troca convencem o acoplamento a rever sua recusa de identificar-se com marcas da teoria da modernização ou da dependência. De variadas semânticas, a reflexão em curso – ciente de que os blocos conceituais dificilmente levam ao consenso – postula formas analíticas e articulações além de exercícios metodológicos. Pontuando por aproximação de interesses aparentemente opostos, o constructo cosmopolita da acoplagem não diminui assimetrias. Tem entretanto como diagnosticar Estados fracos em duras crises, bem como Estados fortes desfrutando da pouca sombra e água fresca que resta de si mesmos.

No vazio de poder mundial, o debate interparadigmático busca interpretativas e as sacrifica no altar das nações por colheitas que ninguém sabe quando virão. Da ideologia oportunista plena de realismo nas relações de troca desiguais aos heterogêneos interesses geopolíticos, esta análise depara-se com o pragmatismo de legitimadora frieza de uma teoria que ainda nem teoria se chama! No

mais, incluído em constelação definida, o presente ensaio pede tempo para ver crescer embriões de convergência no relacionamento internacional despregado da cruz analítica da modernidade.

Ousando aquilatar a capacidade da governabilidade para aniquilar riquezas espirituais e materiais – a que se vê na Argentina, por exemplo – o pensamento sobre a acoplagem vocaciona-se nem para o ilhamento, nem para a solidão acompanhada. Sua estabilidade multipolar independe da antropologia dos acertos e dos equívocos alheios. Descronometrada da dualidade estrutural Norte *versus* Sul, também amadurece dessintonizada da pós-modernidade estudiosa do progresso e do atraso.

Correntes de pensamento alimentadas em fontes que se secam, as realistas, por exemplo, conhecem a existência das muitas Europas. Especializadas na endoculturação, moldam o pensamento de elites fisicamente nos países subdesenvolvidos, mas culturalmente desacopladas de suas realidades. A ordem da acoplagem respeita a dinâmica da desacoplagem. De dupla face, dificilmente as moedas com lastro ouro da crítica se desvalorizam no mercado das teorias. Mesmo que paradoxais, raramente esse mercado deixa de ter suas figuras retóricas. Ciente disso, mestra do convívio entre perdedores e ganhadores, a sociologia da acoplagem, mais por intuição do que por cálculo político, se faz de catalisadora. Agrupa e engata interesses transnacionais às vezes camuflados de nacionais. Noutros casos, em mecanicidade impregnada de ressentimentos, a acoplagem desconhece afinidades, soluções ou contribuições para mitigar a impotência

* Professor Titular de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – UnB, pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e professor visitante da Freie Universität Berlin – apoio da CAPES/MEC (procopio@unb.br).

explicativa do corpo teórico das relações internacionais. Tal corpo, expressiva parte dele moldado nos Estados Unidos da América, guarda a genética dos livros de assombração, ou seja, apesar do medo, o leitor chega até o final.

Pelo mecanismo da acoplagem os complexos produtivos dos países com desenvolvimento desigual se multiplicam numa arena econômica onde a convergência dos interesses legitima esforços por cooperação sem união. Na prática, mais do que os mercados, a acoplagem renuncia às origens e ao localismo.

Non olet, ou seja, como o dinheiro inodoro, o centro e a periferia na epistemologia da acoplagem perdem a marca da procedência. Tal despojamento subverte a geopolítica e desnuda o paroquial para vestir o internacional com conceitos, dimensões e argumentações numa moda ainda fora de voga.

Legitimando concretamente o exercício do acoplamento, indicadores econômicos e culturais engenham o fortalecimento de elos na corrente das relações internacionais. Percebem, mesmo seguros na *nave mundi*, se nela faltar água, todos morrerão de sede no mar salgado. Noutras palavras, entende a acoplagem que o dilema segurança ou liberdade do pacto social hobbesiano em franco declínio substituir-se-á pela obrigatoriedade do atendimento das necessidades vitais.

Sensivelmente mais inclusiva do que foram os construtores da arca de Noé – messianicamente aberta somente aos casais que se safariam do dilúvio – ainda assim, a acoplagem com seus parâmetros contribui menos do que deveria para com a morfologia do ecumenismo. Menos do que poderia para o não surgimento do cenário de inflexão, que vai contra a lógica do direito das gentes.

Descortinando ângulos que permitem ver Deus e o Diabo de mãos dadas, povos do centro e da periferia participam da acoplagem, mas sem se conhecer. Caminham juntos sem se amar e os que ficam jamais choram pelos mortos que se vão. Pluralista, espécie que se entrega, o desiderato da acoplagem é catalisar oportunidades. Longe de prender-se a uma agenda de solidariedade – múltipla e duradoura – a acoplagem vende catálogos de utilidades inovadoras ou

tradicionais. Tanto faz se em zona do euro, do dólar, do yuan, etc.

Avesa às hierarquias, a carimbos e a papéis denunciando a procedência de seus negócios, tudo e todo o acoplado vai e volta ou se cosmopolitiza. Na constelação da economia dos pobres, assim como na dos ricos, o exercício da acoplagem ajunta pedras do mosaico mundial, mas sem redefinir prioridades. Guarda impulsos chamados de interesses, em primeiro lugar por suas necessidades de pão e água, ou seja, pela segurança supranacional que lhe garante a existência. Pede também um obsequioso afastamento em relação à promiscuidade entre os conceitos na pauta do estudo das relações internacionais, tarefa impossível sem longas caminhadas na searas ontológica e epistemológica.

Tradicional *commodity*, raros produtos encarnam tão fidedignamente as ambivalências da acoplagem, como a soja. Afora seu altíssimo custo ambiental, ela desembarcou no Brasil embalada dentro de pacotes tecnológicos repletos de máquinas agrícolas, adubos químicos, cultivares, transgenias, fungicidas, inseticidas e herbicidas, praticamente tudo produzido por multinacionais. Colhida, segue para o mercado externo saciando numerosa cadeia industrial alimentar. Quantidade dela depois volta à terra onde a cultivam, claro, na forma de produtos com alto valor agregado que vão dos patês de gansos alimentados com soja aos queijos nobres e às tintas. Noutros caminhos, também minerais exportados ou contrabandeados costumam retornar metabolizados em aparelhos eletrônicos e aviões.

Outro setor presente na acoplagem é o da indústria cultural. Extremamente rentável, articuladora de diferenças, hoje tal indústria é vital respirador para a superpotência mundial em crise. Rende mais do que a exportação de automóveis ou do que a indústria estadunidense de material bélico. O *savoir faire* da acoplagem a afasta da dependência mútua entre os novos ricos das direitas e os das esquerdas. No capitalismo dos nacionalistas e dos internacionalistas, sem identidade alguma com o maniqueísmo norte *versus* sul, ela pouco liga para o construtivismo, para o realismo, e para os permanentes riscos presentes no

pensamento da dualidade estrutural. Com nenhuma deferência para a hegemonia da teoria da modernização, o paradigma do acoplamento a depender do seu gosto, desfar-se-á de qualquer vínculo familiar com não importa qual escola de diagnóstico dos tempos.

Se a crítica deve ser uma etapa anterior da desideologização das desigualdades e se a vocação do acoplamento tiver como levá-lo a conviver com a heterogeneidade, tais condicionamentos já demarcam o espaço da sua legitimidade. Ao conhecer as fronteiras dogmáticas, tal paradigma deu-se conta da dimensão sistêmica de outras referências. Por isso, na generalizada atmosfera mundial de autismo teórico, teme desrespeitar os conceitos da luta de classes e do materialismo histórico enterrados vivos no debate interparadigmático.

Para ordenar seus cânones como reflexão de dinâmicas políticas que são nem começo nem fim da existência, a acoplagem é quem formata a transdisci-

plinaridade desburocratizada no estudo das relações internacionais.

Recebido em 15/02/2010

Aprovado em 18/02/2010

Resumo: o artigo trata da renovação teórica das relações internacionais. Nesse sentido, questiona se a base teórica pode analisar os fenômenos atuais.

Abstract: the article deals with the theoretical renewal of the international relations. It intends to investigate whether the theoretical framework can analyze the current events.

Palavras-chaves: teoria das relações internacionais; terceiro mundo; meio ambiente

Key words: international relations theory; third world; natural environment

